



Um lugar
chamado

ANGOLA

— Karla Suárez —

O primeiro romance sobre a presença cubana em Angola

*O problema não consiste nas pessoas se esquecerem das coisas,
mas em nunca se esquecerem das mesmas.*

Paul Auster

*Angola era, para mim, só um nome estranho
na geografia dos meus primeiros anos...*

Frank Delgado

A selva escura

Mataram o meu pai numa tarde com muito sol, embora não o tenhamos sabido nesse momento. Ele estava do outro lado do mundo, na selva escura de Angola. E nós na ilha, onde a vida continuava mais ou menos como de costume, sob o nosso sol quotidiano.

Vários dias depois da sua morte, e ainda sem saber o que acontecera, eu corria pelo bosque de Havana, seguindo os passos do Capitão Tormenta, que era a menina de quem gostava. Uns metros à minha frente corria Lagardère¹, o meu melhor amigo, que era muito mais rápido e mais forte do que eu, e, por isso, me obrigava a atirar-me para a frente com uma fúria louca, sem dar importância às ervas que me arranhavam as pernas. Eu era o Conde de Montecristo. Para ser franco, preferia ser o Leão de Damasco, ou mesmo Lagardère, porque isto de andar a cavar túneis para fugir do Castelo de If não me parecia a melhor das diversões; no entanto, como fora Tormenta a determinar as nossas personagens, não me pareceu tão mau. E habituei-me. De qualquer modo, era um conde e isso fazia com que, de vez em quando, ela baixasse a cabeça em sinal de respeito, mantendo os olhos fixos nos meus, com um sorriso que, aos doze anos, começava a parecer-se mais com uma provocação feminina do que com um simples esgar infantil.

Foi o meu pai quem nos mostrou aquele recanto do bosque, transformando-nos, sem o saber, em entusiastas do local. Ofereceu-nos

¹ Henri de Lagardère, nome da personagem principal do romance *O Corcunda ou O Pequeno Parisiense*, de Paul Féval. (N. do E.)

um bocadinho do mundo onde as nossas personagens preferidas podiam viver as suas aventuras, longe da televisão, em carne e osso. No bairro, ele era um dos poucos com carro e o único que não considerava aquele engenho com rodas, uma relíquia, um sinal de estatuto social, uma peça de museu que é preciso manter longe do alcance de todos, para que não o estraguem. Não. Para o meu pai, o carro era um pedaço de lata que podia mover-se e, se ele tinha um, era como se pertencesse a todos. Por isso, nalguns domingos, quando vinha para a rua com o balde de água e as esponjas para lavar a viatura, deixava que os miúdos se aproximassem, e, assim, pouco a pouco, a tarefa transformou-se num hábito. Um queria limpar o para-brisas, o outro, sentar-se no lugar do condutor e fingir que conduzia, um terceiro mudava a água do balde e, juntos, fazíamos o trabalho. No fim, já com o chaço a brilhar e a rua cheia de água, o prémio era o meu pai enfiar-nos a todos lá dentro e levar-nos até ao bosque, até àquele recanto perto do rio Almedares, onde havia uma pequena ponte em forma de arco, que parecia saída de um livro de histórias. Aí mesmo, o meu pai parava o carro, abria as portas e dizia: «Daqui a meia hora têm de estar de volta.» E nós partíamos. A correr. Desaparecendo no bosque, onde eram filmadas todas as aventuras que passavam na televisão. Um bosque que podia ser França, Irlanda, Espanha, África ou qualquer lugar do mundo, com aquelas árvores enormes cheias de trepadeiras que caíam como cortinas, criando formas que, às vezes, eram gigantes; às vezes, grutas; às vezes, simplesmente, o véu de uma princesa, a capa de um rei; ou os muros do próprio Castelo de If, de onde eu tinha de fugir.

Quando o meu pai foi para Angola, acabaram as nossas visitas coletivas de domingo ao bosque. No entanto, Lagardère, o Capitão Tormenta e eu, que já estávamos viciados, começámos outra aventura. Muitas vezes, à tarde, ao sairmos da escola, íamos até à Ponte Almedares e descíamos até ao parque junto ao rio. A minha mãe não se importava que lá fôssemos; só não gostava que entrássemos no bosque vizinho. Que podia ser perigoso: uma coisa era irmos com o pai, mas, sozinhos, proibia-nos. Foi por isso que lho ocultei. Nunca lhe contara que, no parque, quase todos os equipamentos estavam partidos e que o túnel fedia à merda que os bêbados faziam durante a

noite; que, no café, depois do pão com queijo-creme e do iogurte, não havia mais nada que fazer; que, nos bancos em redor do rio, encontrávamos casalinhos na marmelada; que o Almendares também cheirava a merda e a resíduos das fábricas; e que, no anfiteatro abandonado, cantávamos e aplaudíamos-nos à vez, até ao dia em que nos tornámos crescidos de mais para dar espetáculo. Não lhe disse que, um dia, entrámos no bosque, e, percorrendo devagar o trilho que ladeava a rua, chegámos ao lugar mágico onde estava a pequena ponte e que, assim, começou a aventura seguinte. Deixou de haver parque. Chegar ao Almendares era apenas o preâmbulo para descermos as escadas de pedra e continuarmos até à nossa selva verde. Acho que, uma vez, a mãe desconfiou, porque cheguei a casa com as pernas arranhadas e ela quis saber o motivo, mas eu contei-lhe uma patranha qualquer e ela fingiu acreditar. Pelo menos, não perguntou mais nada. E, por conseguinte, eu continuei a ir para lá com os meus amigos.

Naquela tarde, ainda sem suspeitar do que acontecera do outro lado do mundo, eu corria como um cavalo sem freio, tentando alcançar Lagardère e Tormenta, que iam mais à frente. Estava tão excitado que fiquei preso nuns arbustos e fui com a cara no chão; na queda, um ramo arranhou-me o braço com tanta força que me fez sangrar. Uma dor enorme, mas a que não dei importância. Tinha perdido os outros de vista, e o mais importante era levantar-me e prosseguir. Foi o que fiz. Continuei a correr. Corri, corri, sem rumo no matagal e, quando não consegui continuar, comecei a chamar por eles, aos gritos. De repente, apercebi-me de que estava só; no entanto, eu era Edmond Dantès, o Conde de Montecristo, não podia perder-me. De modo que continuei, agora a andar. O meu braço sangrava. Eu parei e, ao erguer os olhos, vi Lagardère a acariciar o rosto do Capitão Tormenta.

A minha infância terminou nesse dia. Por várias razões. A primeira deve-se, sem dúvida, àquela espécie de raiva interior que senti, ao ver o meu melhor amigo a tocar na pele da heroína dos meus sonhos. Tive vontade de me atirar a ele para o esmagar e, embora soubesse bem de mais que ele era mais forte do que eu, isso não interessava. A raiva, às vezes, cega, mas também paralisa. Eu fiquei paralisado. Assim que o Capitão Tormenta me viu, afastou-se de Lagardère, e, quando reparou no sangue, aproximou-se a correr e

agarrou-me no braço, querendo saber o que acontecera. Lagardère, que, naquele instante, acabara de se transformar no odioso e reles Lagardère, também se aproximou, perguntando porque não o tinha chamado. Respondi que não era nada, uma simples queda, nada que quebrasse o espírito do Conde de Montecristo. O meu amigo fez uma careta e tirou a camisa para limpar o meu sangue, dizendo que tínhamos de ir embora, podia ser mais do que um simples raspão. Aceitei a sua gentileza, porque foi o Capitão Tormenta quem se encarregou de limpar a minha ferida com uma das mangas da camisa. Quando acabou, passou o braço sobre os meus ombros e beijou-me na cara, declarando que era preciso tratar do Conde, que um conde era um nobre e que o seu sangue azul não podia desperdiçar-se. Lagardère vestiu a camisa e começámos a andar, ele à frente e ela, ao meu lado. Foi essa a segunda razão pela qual a minha infância terminou naquele dia. De repente, senti que as aventuras saltavam da televisão e que era possível o bosque de Havana estar encantado, porque a minha cara ardia depois do beijo do Capitão Tormenta e eu sabia, perfeitamente, que, por detrás do seu nome, se escondia uma mulher. E isso agradava-me. Muitíssimo.

Para mim, o caminho de regresso foi confuso. Lagardère, sempre à frente. Atrás, o Capitão Tormenta e eu, debatendo-me entre a raiva e o desejo e tentando encostar-me o mais possível ao corpo dela, usando como justificação interior a obrigação de a proteger – afinal, percorríamos um trilho apertado, podiam passar carros. Chegados ao parque, subimos as escadas de pedra e já estávamos no passeio da avenida. Lagardère pôs-se ao meu lado e eu, usando desta vez como desculpa o facto de três corpos ocuparem muito espaço, continuei a encostar-me o mais possível à minha vizinha, que continuava com o braço sobre os meus ombros. Nesta altura da vida, a lembrança provoca-me uma estranha ternura. Sentia-me feliz e furioso. Ignoro qual dos sentimentos era mais intenso; só sei que estava furioso e feliz. Feliz e furioso. Mas eu tinha doze anos e havia, ainda, uma última razão para que a minha infância acabasse definitivamente.

A entrada da minha casa tinha um alpendre. Eu vivia com os meus pais, a minha irmã mais nova e a nossa avó materna, a quem chamávamos *abuemama*. No quarteirão havia muitas árvores e a maior de

todas ficava na esquina, sempre cheia de pardais que acordavam a vizinhança com o barulho que faziam pela manhã.

Naquele dia, assim que passámos a árvore dos pardais, avistei a *abuemama* sob o alpendre e, um segundo depois, senti o Capitão Tormenta a afastar-se. Lagardère deu-me uma ligeira cotovelada, sussurrando que estavam à minha espera, mas que não me preocupasse, porque nenhum deles diria onde estivéramos. O rosto da minha avó pareceu-me esquisito e, à medida que nos aproximávamos, ela mostrou-se ainda mais estranha. Aparentava estar agitada, nervosa, a tal ponto que ergueu a mão para acenar e começou a movê-la como se eu estivesse muito longe e não fosse evidente já a ter visto. Tormenta sussurrou que a desculpa era eu ter caído no parque, porque ela me empurrara. «Está bem», respondi-lhe.

Assim que pus um pé no alpendre, a *abuemama* atirou-se a mim, abraçando-me com força, com muita força, mas, ao ver a ferida e os vestígios de sangue no meu braço, perguntou-me o que acontecera, gritou para a minha mãe que eu estava de volta, e, sem deixar de me abraçar, levou-me para dentro de casa. Os meus amigos ficaram no alpendre. Eu tentei soltar-me – tinha vergonha de que me tratassem como uma criança diante de Tormenta –, mas era impossível libertar-me dos braços da minha avó. A voz da minha mãe entrou na sala com um grito seco: «Onde estavas metido, rapaz?» E, ao ver o braço, continuou: «Mas o que te aconteceu?» «Caí no parque. Estávamos a brincar e o Capitão Tormenta empurrou-me sem querer», respondi, enquanto a minha avó se afastava à procura de álcool e de algodão para limpar a ferida, e a mamã se agachava ao pé de mim para inspecionar o braço, comentando, num tom de voz aborrecido, que já me avisara para não conviver com aquela miúda, que era uma endiabrada, sempre na companhia de rapazes. Ela não sabia, evidentemente, que os outros ainda estavam no alpendre, mas eu sim, por isso, quando ela se levantou para pegar no algodão que a *abuemama*, já de volta, lhe estendia, olhei para trás e vi que Lagardère tinha dado a mão ao Capitão Tormenta, que estavam encostados um ao outro, muito encostados, e que ela olhava para mim com ar sério, muito sério. Desviei os olhos e senti vontade de chorar, de atirar o álcool e o algodão para o chão, mas fiquei paralisado. A mamã puxou uma cadeira e

sentou-se à minha frente, para me limpar. Respirei fundo, enchi-me de coragem e afastei o braço. «É mentira ter estado no parque», afirmei, decidido. A minha mãe também respirou fundo e, apoiando as mãos nos joelhos, inclinou-se para trás, olhando para mim. «Sei que é mentira», disse, num tom de voz resignado, «porque te fui buscar e não estava lá ninguém.» Voltei a olhar lá para fora, mas nem sinal do Capitão Tormenta ou de Lagardère. Ninguém presenciara o ato de coragem do Conde de Montecristo. «Estavam no bosque, certo?» A pergunta da mamã obrigou-me a voltar a cabeça e a assentir. «Não tem importância, tu já és grande, deixa-me limpar essa ferida, anda.»

Enquanto suportava, com uma careta, o ardor que o algodão embebido em álcool me provocava na pele, apercebi-me de que o rosto da minha mãe também estava esquisito. Tinha os olhos um pouco inchados e uma expressão que não podia resultar, apenas, da minha amizade com Tormenta ou das minhas idas ao bosque. Também achei estranho que tivesse ido ao Parque Almendares. Ainda que fosse uma mãe preocupada, não era das que andavam sempre atrás de nós. A mamã tinha alguma coisa. «E porque foste à minha procura?», perguntei. Ela acabou o curativo e referiu que era um simples arranhão, nada de grave. Deu-me um beijo no braço e outro na cara. Acrescentou, muito baixinho, que precisava de falar comigo, o homem da casa, porque eu já era um homem. Então, pediu à *abuemama* que fechasse a porta da entrada, porque tínhamos de falar de coisas muito importantes. A minha avó foi a correr fechar a porta e preparar um chá de tília. Quando passou por mim, deu-me a impressão de que tinha os olhos a brilhar.

Eu sentei-me no sofá, como a mamã pediu, e ela sentou-se comigo. O que tinha para me contar era muito sério e, também, muito triste, mas eu já era grande, e ela confiava em mim. Acrescentou algumas frases feitas acerca da vida e mais coisas de que não me lembro, daquelas que ouvimos nos filmes e pensamos que são muito profundas porque têm muitas palavras, embora, de facto, não signifiquem nada. Limitam-se apenas a engordar um prólogo às vezes – muitas, com certeza – necessário. A mamã falou durante algum tempo e, quando não consegui esticar mais a introdução, pegou-me nas mãos e disse: «O teu pai... é o homem mais maravilhoso do mundo...» e a voz

quebrou-se-lhe; continuou: «O teu pai lutou por uma causa justa...» e teve de parar porque a voz tornou a quebrar-se-lhe, a tal ponto que só ficou a olhar para mim, sem palavras e sem que eu percebesse onde é que ela queria chegar. De repente, o rosto da minha mãe transformou-se e ficou como uma estátua de cera, sem gestos, com a expressão petrificada até concluir: «O teu pai morreu na guerra.»

Senti os braços dela nas minhas costas e assim ficámos, abraçados, não sei por quanto tempo. Eu estava em choque, com um medo enorme, perdido em alguma parte do universo que nunca consegui definir, e ela, não sei, também por aí, a vaguear. Quando consegui regressar, afastou-se de mim e agarrou-me pelos ombros. Tinha os olhos vermelhos, mas era como se as lágrimas já tivessem secado. Passou uma mão pelo nariz, para o limpar, e pediu-me que não contasse nada à minha irmã mais nova quando esta viesse da escola, porque ela se encarregaria disso. De qualquer forma, o que iria eu dizer à minha irmã? Como explicar-lhe o que ainda não conseguia compreender? A *abuemama* aproximou-se com duas chávenas de chá de tília e uns comprimidos, que não sei o que eram, mas que engoli, juntamente com a infusão, como se fizesse parte de um espetáculo em que ninguém tivesse explicado qual era o meu papel. Estava paralisado. A mamã bebeu e suspirou. Nessa altura, sublinhou que eu não devia esquecer-me, nunca – e, de facto, eu nunca consegui esquecer –, de que o meu pai era um herói da pátria e que, por conseguinte, eu era filho de um herói.

Quando estava quase na hora de ir buscar a minha irmã à escola, a minha mãe foi tomar um duche e arranjar-se, e a *abuemama* sentou-se comigo no sofá. A mamã sugerira que fôssemos juntos buscá-la, já que doravante tínhamos de ficar sempre juntos, os três, mas a minha avó sussurrou-lhe ao ouvido e ela decidiu que era melhor eu esperá-las em casa. A *abuemama* apertou-me contra o peito. Eu continuava confuso, paralisado, sem saber o que dizer. Sem sequer saber se havia o que dizer. E assim ficámos durante muito tempo. Só o ruído do duche quebrava o silêncio que se instalara em casa.

A minha mãe reapareceu na sala, mais composta, e veio dar-me um beijo. Sugeriu que me deitasse um pouco, que ela já voltava. Beijou também a *abuemama* e dirigiu-se para a porta. Eu segui-a com

os olhos. Vi-a sair e, então, alguma coisa no meu íntimo se quebrou. Senti medo. Um medo estranho e grande. Um medo que me era desconhecido. Creio que foi nesse momento que compreendi, realmente, o que acontecera. Um dia o meu pai saíra por aquela porta e nunca mais voltaria. Porque estava morto. Enquanto continuava com os olhos fixos na porta por onde os meus pais tinham saído, senti uma enorme vontade de chorar e sei que, finalmente, os meus olhos se encheram de lágrimas e que a minha respiração começou a agitar-se, porque a minha avó pousou, docemente, a mão na minha cara e virou o meu rosto para si.

– Agora és o homem da casa, já não és uma criança. E lembra-te: os homens não choram – disse.

Foi talvez por isso que nunca chorei. Naquela noite, eu e a minha irmã dormimos abraçados à mamã; elas choraram, mas eu não. E, nos dias que se seguiram, quando sentia os soluços da minha irmã e os passos da minha mãe a aproximar-se do quarto dela, apertava a almofada, repetindo para comigo que os homens não choram, os homens não choram. Não chorei quando Lagardère me abraçou, prometendo que seríamos irmãos para toda a vida, nem quando me contou como Tormenta se sentira mal ao ouvir a minha mãe. Nem ao saber que eram namorados. Também não chorei quando, na escola, me dedicaram a cerimónia da manhã², a mim, o filho do herói, e a diretora fez aquele discurso emocionante. Nem no dia em que Tormenta se aproximou de mim para dizer que gostava muito do meu pai, que queria que voltássemos a ser amigos como dantes e que nos encontrássemos, embora não em minha casa.

Não chorei pela minha decisão de nunca mais voltar ao bosque. Nem quando a mamã recebeu as primeiras flores que lhe enviou o Governo, nem quando deixou de as receber. Nem na noite em que a minha irmã perguntou por que razão o nosso pai fora para a guerra. Nem anos depois, quando o país retirou as suas tropas de todos os conflitos africanos e, finalmente, os mortos regressaram a casa, e houve aquela cerimónia, o enterro coletivo, a caixinha selada com a

² Cerimónia escolar que, todas as manhãs, precede o início das aulas e durante a qual é hasteada a bandeira. (*N. da T.*)

fotografia e a bandeira. Nem de cada vez que me cruzava no bairro com o Capitão Tormenta, transformada em mãe e dona de casa gordinha, e já não tínhamos sobre o que falar.

Também não chorei quando a guerra deixou de ser motivo de conversa e sobre ela caiu um manto subtil de esquecimento. Nem quando conheci Renata e ela me disse que, embora não quisesse falar-lhe do meu pai, ela estava do meu lado. Nem quando trocámos Havana por Berlim e, mais tarde, Berlim por Lisboa. Nem na noite em que me informou de que queria o divórcio, muito menos quando nos separamos. Não chorei até há pouco tempo, porque, foda-se!, os homens choram sim, às vezes. Quando precisam.

Passaram mais de trinta anos sobre o dia em que o meu pai morreu. Agora, acabo de chegar ao aeroporto. Pago ao taxista e saio. Em Lisboa é de noite e está um pouco de frio, devido, sobretudo, àquele vento forte, que, às vezes, parece querer levantar-nos do chão e arrastar-nos para longe. Quando eu e Renata chegámos, era primavera e ficámos impressionados com a luz e com o céu, que costuma ser tão azul como o de Havana, diferente do que nos abrigara nos nossos anos berlinenses. Nalgumas noites, mostrava-lhe as estrelas, um velho hábito que aprendi com o meu pai e que ela adorava. Renata esperava que Lisboa me devolvesse a calma que o inverno de Berlim sepultara. Mas não fora o inverno, e ela sabia-o. Fora o reencontro com um velho amigo, as discussões com o meu clã de Berlim e aquela notícia de jornal. Tudo isso ativou o detonador.

Nenhum de nós poderia imaginar que, justamente em Lisboa, eu conheceria Berto – o «estranho homenzinho», como ela o batizou –, e que, então, a bomba acabaria por explodir definitivamente, porque Berto foi a única pessoa capaz de me arrancar a raiva que eu tinha cá dentro. Agora não sei se o odeio ou se o aprecio. Também não sei o que teria acontecido se não me acalmasse naquele dia. Sei que fui um pouco irracional; que, quando o vi aparecer à beira-rio, mais do que levantar-me, saltei da cadeira, aproximei-me dele com passos rápidos e, de repente, *pum!*, empurrei-o com tanta força que por pouco não o deitei ao chão. Foi quase como se uma pedra ardente se desprendesse no meu íntimo e me obrigasse a cair-lhe em cima e a partir-lhe a cara. Mas aí parei. De repente, afastei os braços e meti as mãos nos

bolsos. O meu pai dizia sempre que os homens tinham de saber usar o músculo do cérebro. A isso chama-se pensar e foi o que fiz naquele dia, perante um Berto perplexo: afastei as mãos para usar o músculo do cérebro. Então, aconteceu o pior.

Embora tenham decorrido alguns meses e, nesta altura, quase preferisse não estar tão aborrecido com ele, não consigo evitá-lo: afinal, achei que ele se transformara num dos meus melhores amigos quando, no fim de contas, ele me enganava. Berto não é um amigo. É um estranho homenzinho que se move, devagar, num tabuleiro de xadrez. No entanto, por uma vez, eu sou o peão que escapou do seu jogo e tomou uma decisão. Tenho que deixar de ser aquele miúdo assustado que corre pelo bosque. Estou farto. Mataram o meu pai num sítio que nunca toquei, vi ou cheirei. Que era como um fantasma. Como o eco numa gruta: a guerra, a guerraaa, a guerraaa. Só conseguirei sair da selva escura voltando a ela, e, por isso, aqui estou. Vou a Angola.